

DIÁLOGOS ANTROPOLÓGICOS DE GÊNERO: RELATO DE UMA EXPERIENCIA NO PROFSOCIO DA UVA

Ivaldinete de Araújo Delmiro Gémes¹

Márton Tamás Gémes²

Ana Geísa Almeida da Silva³

Fabrcício de Sousa Sampaio⁴

RESUMO

A proposta apresenta uma compreensão dos processos antropológicos da formação dialógica que constituem as relações de Gênero na Escola. Esta experiência foi realizada durante as aulas/oficinas com os estudantes do Mestrado Profissional em Sociologia da Universidade Estadual Vale do Acaraú UVA. A abordagem aconteceu a partir do diálogo teórico metodológico acerca das categorias gênero e sexualidade. Desse modo, propomos uma produção de práticas subjetivas que atravessaram a preparação dos professores e de professoras da rede pública da cidade de Sobral/CE. O trabalho tem como objetivo compreender a categoria de Gênero a partir da Antropologia. O recorte analítico é de buscar compreender as práticas e discurso do fenômeno social estudado, sem pretensões da lógica binária que permeia algumas análises sexo/Gênero. Para tanto utilizei o método das experiências fenomenológicas da crítica de saberes. Assim pude utilizar de estudos etnográficos, recursos teóricos, estudos bibliográficos e representações sociais acerca das construções das masculinidades, travestilidades e feminilidades na realidade marcada pelas culturas e modelos de hierarquias. Neste sentido, evidencia-se que na ausência dos processos formativos e do debate acerca de gênero e sexualidade no âmbito da Educação formal, corrobora com a preservação de práticas de dominação e discursos de ódio.

Palavras-chave: Antropologia. Escola. Relações de Gênero. Sexualidade.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma etnografia do diálogo de gênero e a escola. Tem como problema central compreender as questões que norteiam o conceito de gênero e sexualidade na perspectiva da Antropologia das Relações de Gênero, no contexto da formação de professores e professoras da Rede de Ensino Público da Região Norte do Estado do Ceará. A abordagem foi realizada a partir da Disciplina de Gênero

¹ Professora Doutora do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú UVA, ivaldinetedelmiro@gmail.com;

² Professor Doutor pelo Curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú UVA, mgemes@hotmail.com;

³ Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Sociologia PROFSOCIO da REDE Universidade Estadual - UVA, coautor2@email.com;

⁴ Doutor pelo Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, coautor3@email.com;

Sexualidade e Educação, na qual travamos um debate dialógico sobre esta temática como os professores e professoras do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO da Universidade Estadual Vale do Acaraú. A Pesquisa aqui descrita é resultado de atividades e aulas que ocorreram em março a junho de 2020 na Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA.

METODOLOGIA

Na abordagem metodológica a antropóloga Favret-Saada analisa sobre a forma de afeto na pesquisa. Esse conceito tem sido debatido na medida em que o pesquisador ou pesquisadora se torna parte do meio pesquisado. Inicialmente, esta autora relata que a experiência do afeto ocorre pela necessidade de se aproximar daqueles que são sujeitos de sua pesquisa, pois apenas a autora parecia se interessar por seu tema.

De fato, enquanto eu ministrava as aulas na universidade de modo remoto eu me via realizando o trabalho no campo de pesquisa. Eu me senti afetada pelos meus interlocutores, quando vi que era necessário conviver, dessa forma, com os professores e professoras, poder ouvi-los, observá-los, conversar, fomentar o dialogar. Além de compartilhar de suas experiências e sentimentos, aquele meio (sala de aula/virtual) era familiar e ao mesmo desconhecido e misterioso, cheios de labirintos tecnológicos que eu tentava a todo custo acessar. Eu não conseguia entender o medo e desencantamento da vida, na participação deles ou delas em um mundo absorvido pela Pandemia provocada pelo Corona Vírus. Senti medo, muita dificuldade no processo de ministrar aulas neste contexto. Partilhamos as dores e alegrias. E nesta partilha, fui também afetada, pois, além de professora fui acionada, muitas vezes, como uma espécie de terapeuta na escutas das queixas e dores dos estudantes. É bom ressaltar que a metodologia teve um suporte tecnológico de oriundo do fenômeno virtual:

Assiste-se actualmente a uma espécie de reinvenção da cultura onde o cyberspaço e a realidade virtual põem em questão a própria existência do real e do seu sentido. Podemos viver afectivamente essa perda, mas ter em atenção que o virtual não se opõe ao real, havendo entre eles uma relação entre o actual e o virtual, um modo próprio de ser do real que se associa a um processo de “desterritorialização” e a novos fenómenos espaço-temporais (Tucherman, 2004 appud BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 24).

No que se refere à pesquisa bibliográfica é necessário a fase de exploração dos textos e obras. Durante as aulas processo utilizamos de investigação de algumas autoras

e autores que tinham uma visão ampla com relação ao que está pesquisando. Tais como Belotti, Butler, Bourdieu, De Lauretis Foucault, Saffioti, Scott e outras.

No processo de ministrar a Disciplina preparei minhas anotações e falas a partir desse referencial teórico metodológico proposto anteriormente. Ainda fui guiada pelo mapa dos afetos, da subjetividade e do profissionalismo que compõe as relações sociais, políticas e pedagógicas que permeia o cotidiano do fazer acadêmico no qual me encontro mergulhada. Ou seja, fiz planejamento antecipado (15 anos na área). Isto facilitou na hora da organização dos conteúdos da temática, na dimensão antropológica, técnica, ideológica e científica.

Para realização deste trabalho de pesquisa foram realizados 12 encontros com os professores/estudantes do PROFSOCIO. Nele abordou-se o diálogo de saberes e conhecimentos através da técnica da pesquisa bibliográfica, documental, netnografia, fotografias, gravações, filmes dentre outros. As Rodas de conversas virtuais pela Rede de Computadores são hoje consideradas técnicas de pesquisa que nos remete e fornece uma relação direta com os sujeitos sociais envolvidos neste contexto.

REFERENCIAL TEÓRICO

O Contexto da realização desse trabalho foi marcado por um evento de forte impactos em nossas vidas. Durante o ano de 2020 e o ano de 2021 o planeta terra foi assolado com a pandemia da COVID-19⁵ e em decorrência de conter a disseminação do vírus, o isolamento social foi uma das medidas imediatamente adotada pela maioria da população de todos os países E os estados brasileiros também assimilou lentamente esta prática, como forma de prevenção da doença. Assim as pessoas passaram a conviver de forma isolada e por muito tempo começaram a trabalhar, estudar, viver seu lazer e adoecer no ambiente doméstico.

Pesquisar e debater sobre gênero, a sexualidade e educação é uma forma de falar da construção dos valores culturais, da organização da moral, das relações de poder e acima de tudo abordar de forma crítica os fenômenos da vida cotidiana nos trilhos da história. E não deixa de ser ainda, um assunto delicado (até tabu para os que tentam ver de forma preconcebida) que gera bastante discussão. Especialmente se tratando de uma

⁵Doença infecciosa causada pelo novo coronavírus – SARS-CoV-2

temática que chama atenção para a discriminação de uma parcela da população de nossa sociedade. E quando se trata de analisar nas varias perspectivas, diversos olhares da condição da sexualidade da mulher, trata-se de discussões que divergem quanto a sua concepção social, cultural e histórica. Na abordagem de Saffioti (2003), podemos identificar os papeis sociais atribuídos ao homem e a. mulher, de modo que se observa que as tarefas relacionadas aos trabalhos domésticos e educação dos filhos sempre são atribuídas à figura da mulher, no entanto, esta autora aponta para o entendimento crítico e marxista da temática. Quando afirma que embora esta seja uma configuração atribuída de forma naturalizada a figura da mulher.

Este fato particularmente me chama bastante atenção, pois considero ser importante discutir sobre gênero na perspectiva da historia da mulher e dos estudos feministas. As transformações vivenciadas no contxto das lutas das mulheres, durante várias formações históricas e sociais, nas quais a mulher é a responsável por cumprir funções como obediência e fidelidade aos homens e, cabe a árdua função da reprodução”, até as duras lutas traçadas pelas mulheres e suas conquistas pelos direitos sociais, políticos e econômicos, como: o direito ao voto, o direito aos espaços públicos, a inserção no mercado de trabalho, acesso a educação, acesso as instancias de poder e autonomia sobre si em diversas áreas, entre outras.

No olhar das Ciências Sociais, algumas instituições são espaços sociais nos quais os sujeitos são educados ou socializados. A Instituição familiar se constitui o primeiro espaço de socialização de qualquer indivíduo. É nesse ambiente onde serão fixadas as relações de afeto, interesses, aprendizagem e dominação.

Na relação conjugal, por exemplo, é comum observamos hábitos e costumes culturais herdados pelo sistema patriarcal que estabelecem à submissão da mulher para com o homem, logo, constata-se que no meio familiar são estabelecidas as primeiras manifestações desigualdades de gênero como nos mostra Belotti, “não se pode existir um diálogo autêntico entre pessoas que se acham respectivamente em posição de dominante e dominado” (1987, p. 7).

Com a presença e criação dos filhos a submissão torna-se ainda mais evidente da mulher ao homem, tudo começa no período gestacional onde são feitas aspirações e expectativas perante o sexo da criança. A presença de superstições para adivinharem o

sexo da criança fazem parte desse contexto, quando realizadas permitem comprovar o poder de dominação e preferência masculina como menciona Belotti “o sexo do filho é determinado pelo pai” (BELOTTI, 1987, 13), assim, recai sobre a mulher a pressão psicológica de realizar o desejo explícito do companheiro.

Após os primeiros anos de vida da criança vem o contato com o “mundo externo” através da instituição escolar, que foi caracterizada como o lócus da socialização secundária, nesse espaço serão vivenciadas experiências únicas e marcantes que influenciarão para a construção dos papéis sociais já pré-estabelecidos na sociedade. A figura da professora representa nesse aspecto o reflexo na imagem materna que eles encontram em casa através do carinho e atenção que lhe destinado. Além disso, durante toda a trajetória de vida percorrida por crianças, jovens, homens e mulheres adultas estes encontrarão no espaço das instituições sociais, normas e condutas que lhes serão exigidas de forma implícita ou explícita, com o objetivo de colocá-lo em uma norma ou regra fixa, ou seja, de moldá-los conforme as regras sociais e os padrões já estabelecidos e predeterminados antes de seu nascimento. Para Butler “O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (BUTLER, 2010, p. 59).

Por outro lado, podemos destacar ainda que diante das transformações ocorridas no final do século XX que contaram com a colaboração dos chamados sujeitos coletivos e historicamente com apoio de movimentos sociais como o feminismo, e outras representações que lutam pela defesa da liberdade, justiça e equidade entre os gênero. Nestes aspectos nós estamos em direção da construção de uma nova geração de homens e mulheres. Para Heller (2008) a história é entre outras coisas, história da explicitação da essência humana, mas sem identificar-se com esse processo. A substância não contém apenas o essencial, mas também a continuidade de toda a heterogênea estrutura social, a continuidade dos valores. As esferas heterogêneas da história são: produção, relações de propriedade, estrutura política, vida cotidiana, moral, ciência, arte e etc. encontram em si nas relações de alteridade. O decurso da História é o processo de construção dos valores, ou seja, da degenerescência e ocaso desse ou daquele valor.

Na estrutura cotidiana do ambiente familiar é possível observar que existe uma hierarquia e continuidade de valores falocêntrico e de gênero. Pois, em algumas culturas até a arquitetura da casa e os cômodos da casa são simbolicamente “sexuados”, a

cozinha como espaço feminino, a posição das cadeiras e mesa na sala de jantar, na qual a figura do marido/pai senta-se no melhor lugar ao centro, para que todos possam visualizá-lo como o “chefe da família”, na sala de estar ocupa a poltrona maior e mais confortável. Dessa forma, os comportamentos estabelecimentos na relação conjugal. Na análise de Butler (2010, 57), a construção de gênero não se constitui um fator identitário, nem aparece nas estruturas estruturadas, mas se constitui como um ato performativo do sujeito. Neste sentido se pode performar diferentes gêneros em situações distintas. Butler vê a própria construção de gênero como um problema a ser refletido, segundo ela a distinção entre sexo como natural e gênero como construção cultural não engloba todas as possibilidades do gênero, pois para a construção da categoria gênero o sexo seria fator primordial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados serão apresentadas aqui, a partir das experiências de cada sujeito que construíram os relatórios e artigos para apresentar no final da disciplina. Foram nove artigos com muitas descrições das atividades e experiências realizadas nas escolas. Eu me deparei com muitas das experiências interessante trazidas pelos estudantes da disciplina. Então pude reconhecer que mesmo com base naquelas práticas poderia retirar muito conteúdo desta obra para a formação do meu trabalho. Durante as aulas e debates foram realizadas Rodas de conversas, seminários e palestras com dois Professores convidados. Assim eu mantive diálogo com os estudantes do PROFSOCIO (Professores) e demais sujeitos que trabalham neste processo de formação e de organização do incremento da reflexão antropológica acerca do Debate em torno de Gênero e Sexualidade na Escola Pública. Aqui apresento algumas análise e narrativas descritas e pesquisadas pela turma.

Atualmente, as instituições de ensino trabalham com ofertas de atendimento para todas as faixas etárias. O Ensino Infantil recebe o título de “maternal” nesta modalidade as crianças são divididas por idade entre 0 a 3 anos. Para Belotti (1987) o berçário compreende as crianças recém-nascidas até completarem 1 ano de idade, por seguinte serão conduzidas para os maternais 2 e 3 respectivamente associado à cada idade da criança. Sobre o quadro exposto, alguns aspectos levantam questionamentos: por que

esses ambientes o nome de maternal? Quem são os profissionais que trabalham nesse lugar? A justificativa se exprime devido ao fato que:

A única pessoa considerada apta para se ocupar com crianças nessa idade é a mulher, justamente por sua condição feminina que lhe daria dotes “naturais” de doçura, paciência indulgência, compreensão, calma, e porque sua real ou potencial condição de mãe deveria sugerir-lhe, “por instinto”, o comportamento mais adequado em qualquer circunstância (BELOTTI, 1987, p. 107)

Outro fator que merece nossa atenção são as próprias perspectivas das mulheres sobre a profissão escolhida, os motivos que contribuíram para estarem ocupando tais funções. Encontramos em suas falas um discurso “tendencioso” associado a uma vocação como esclarece Belotti. “O termo “vocação” subentende um chamamento de natureza quase mística que é duro subtrair-se o desejo de ser útil à sociedade, desinteresse quase que total pelo aspecto econômico da atividade abraçada, altruísmo e espírito de sacrificio” (1987, p. 109). A autora também nos faz um alerta, por meio de questionamento sobre as mulheres que optaram essa profissão complementando sua fala interior ao dizer que “as motivações de caráter psicológico, escolhidas para abraçar a carreira do magistério, deveriam ser examinadas a fundo” (1987, p. 110).

Os momentos de recreação representam também a profundidade da ideologia dominante do patriarcado. Expressões como “não faça isso, exige muita força”, “isso é brincadeira de menina!” ou ainda “não corra desse jeito, você vai se machucar” simbolizam a legitimação da inferioridade da mulher qualificando-o como “sexo frágil”. Até hoje, comumente costumamos ouvir falas desse tipo. Para as mulheres que ainda se encontram com o subconsciente velado é completamente normal, mas para outras que tiveram contato com movimentos sociais, como o feminismo, que luta pelos direitos de equidade salarial, independência financeira e respeito, tais expressões serão motivos de provocação e revolta. Na perspectiva da historiadora Joan Scott, ela apresenta uma compreensão de gênero quando afirma que “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”. Estas diferenças se fundam em símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas e mitos. Além disso, “os conceitos normativos que põem em evidência as interpretações do sentido dos símbolos, que se esforçam para limitar e conter suas possibilidades

metafóricas”, expressos em doutrinas religiosas, educativas, políticas ou jurídicas e que opõem de maneira binária ao masculino e ao feminino.

A sexualidade se faz presente em todos os espaços da escola. se apresenta com suas múltiplas dimensões, nas abrange espaços de sociabilidades, onde muitos dos jovens sentem-se mais libertos, longe das cobranças de seus familiares. Eu vejo a escola é uma instituição que muitas vezes se torna o cantinho de reprodução de repressão e medo, reforçando. A sala de aula é o espaço ideal de discussões sobre gênero e sexualidade. Afinal existe em seu interior diferenças, poder, exclusão, hierarquias, dentre outras práticas sociais. E, enquanto, as professoras e os professores não podemos compactuar com as normas e regras deste modelo de escola, visto que, se o fizermos só estaremos reproduzindo e contribuindo para que elas extrapolem as suas paredes. Assim é salutar pensar sobre como nossa atuação docente pode contribuir para ajudar esses sujeitos diante de suas transformações, precisamos reconhecer que para isso se faz necessário buscarmos a formação adequada que nos dê embasamento teórico e conceitual para que possamos promover junto aos nossos educandos e educandas importantes momentos de diálogos e reflexões sobre as questões inerentes a sexualidade e suas implicações na vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo deste trabalho eu orientei os facilitadores, coordenadores que participaram da disciplina/oficina. Foram realizadas pesquisas e relatadas nas atividades da Disciplina. Foi uma experiência muito relevante, pois esta formação nós podemos compreender através das contribuições das autoras e dos autores mencionados, que o processo de desnaturalização dos papéis sociais que orientam os comportamentos socialmente absorvidos pelos indivíduos, são construídos historicamente. E, o maior desafio que devemos colocar em prática cotidianamente, não é uma formalidade de conceitos abstratos e vazios. Mas, buscar a formação como um elo na corrente de construir o hábito da empatia pela alteridade que resultará no verdadeiro “divisor de águas” para a compreensão dos fatos e acontecimentos históricos. Para mim foi um momento muito bom para a reflexão de minha prática docente e de rever as velhas formas de militância no dialogo interessante, entre as formas cotidianas da escola e que eu não esperava, para nessa discussão. Compartilhar um saber, trabalhar uma disciplina

em tempos de pandemia foi profundamente uma íntima relação de amor sem os apontamentos, cancelamentos que engordam os julgamentos e preconceitos sociais.

AGRADECIMENTOS

Aos Anjos, Arcanjos e os Guias de Luz

Ao meu Márton

A minha turma de Estudantes Professores do PROFSOCIO

Aos membros do Grupo de Estudos GEPISS/GÊNERO

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. R., MATOS, P. M., & COSTA, M. E. **Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje.** *Psicologia & Sociedade*, 23(1), 2011.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida.** 9. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BELOTTI, Elena Gianini. **Educar para a submissão: o descondicional da mulher.** Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1987.

BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Tradução de Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade.** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade.** Rio de Janeiro, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo educado: pedagogias da sexualidade: uma perspectiva pós-estruturalista.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado e violência.** 2ª Edição. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

